REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

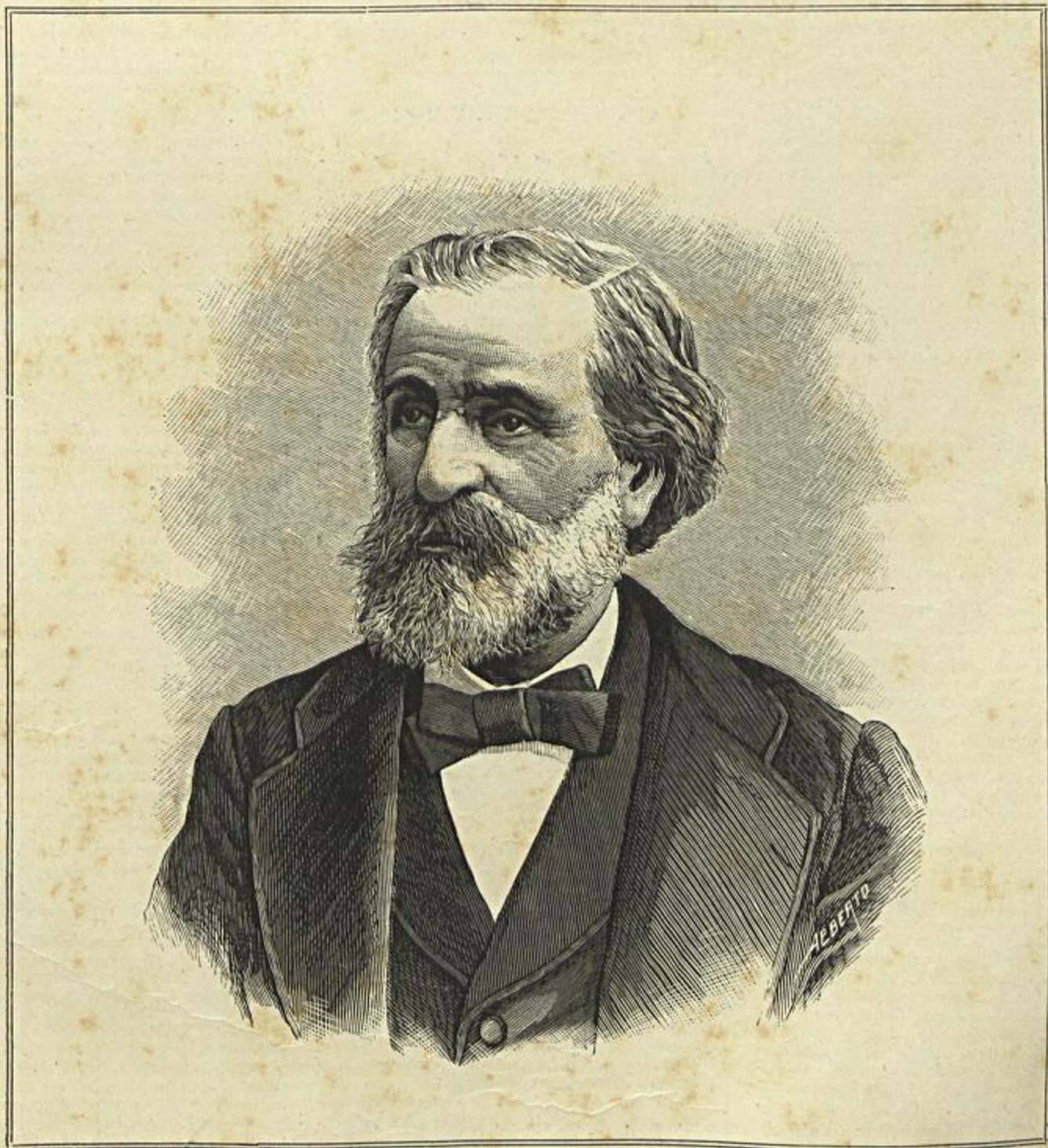
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 371

11 DE ABRIL DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

GIUSEPPE VERDI, AUCTOR DA OPERA «OTELLO»

(Segundo photographia de Sebastianutti & Benque, de Milão)

CHRONICA OCCIDENTAL

A nossa chronica hoje tem que ser muito breve: não o lamentamos e muito menos ainda o lamentam os nossos leitores.

Essa brevidade é-nos imposta pela falta de espaço com que hoje lucta o OCCIDENTE, para dar todas as gravuras e artigos correspondentes, relativas ao *Otello* de Verdi, gravuras e artigos que a data tardia da primeira representação d'essa opera em S. Carlos não nos permittiu dar com o theatro ainda aberto.

E francamente não percebemos o motivo porque todos os annos as emprezas de S. Carlos — e isto não é costume d'uma ou d'outra empreza, é de todas — reservam sempre para o fim da epoca, para as ultimas noites de theatro a representação da opera nova que pelo contracto são obrigadas a dar.

E não percebemos porque não vimos n'esse costume utilidade para ninguem, e vimos-lhe desvantagem para as duas partes interessadas nos negocios theatraes — a empreza e o publico.

E' claro, e a experiencia assim o tem demonstrado, que a opera nova, sendo bem escolhida, bem posta em scena e bem desempenhada, tem todas as probabilidades de *successo*, e sem termos que ir procurar muito longe os exemplos, encontramol-os logo aqui n'estes ultimos annos, — no Otello, na D. Branca, na Carmen, etc.

O *Otello*, a opera *d'obligo* d'este anno, e que se representou no fim da epoca, deu apenas 7 representações e 7 representações com enchentes á cunha, o que quer dizer que o publico gostava muito de ver a opera e que a empreza fez com ella 7 receitas explendidas.

Ora se em vez de ter ido no fim da epoca, tivesse ido mais cedo, o *Otello* daria muitas mais recitas, e muitas mais receitas, isto é, o publico ganharia com isso porque mais vezes veria uma opera de que gostou, e a empreza ganharia com isso porque teria enchentes completas que com outras operas nem sempre teve.

Ainda que este anno de S. Carlos foi um anno excepcionalmente feliz, e o theatro foi concorridisssimo.

E deve-se confessar que essa felicidade se, em parte, foi devida á boa estrella que este inverno protegeu todos os theatros de Lisboa, em grande parte tambem foi devida á habilidade e fino tacto de emprezario com que o sr. Valdez dirigiu o seu theatro, variando sempre os espectaculos e dando em 5 mezes 23 differentes operas, das quaes duas novas para Lisboa, a *Lakmé* e o *Otello*.

Essas duas operas tiveram verdadeiro successo, e das outras algumas agradaram muito, tiveram um exito real como a *Gioconda*, a *D. Branca*, o *Propheta* e o *Fausto*.

Mas não tratamos aqui de fazer a historia da epoca lyrica finda; o theatro de S. Carlos veio apenas á proposito dos motivos porque as gravuras do *Otello* só podem apparecer no nosso jornal depois de fechado, e as gravuras do *Otello* vieram, a seu turno, a proposito apenas dos motivos porque a nossa chronica de hoje tem que ser excepcionalmente curta.

Ora eu estimo immenso esses motivos, mesmo porque se os não houvesse ver-me-ia seriamente embaraçado, para encher com a chronica tres ou quatro columnas do OCCIDENTE no cumprimento do meu ver.

E esse embaraço vinha não só da escassez de noticias que ha em Lisboa; mas tambem desde que se fechou S. Carlos, da impossibilidade em que impertinente doença minha e doenças de meus, me puzeram de ir procurar, de ir explorar essas noticias mesmo escassas que por ahi ha.

É verdade que com o encerramento de S. Carlos coincidiu a abertura de S. Bento, mas esse santo em que nunca me forneci muito de assumptos para a minha chronica, por que, como não me canço de repetir, gasto muito pouco ou nada de generos politicos, muito menos me poderia servir agora que no OCCIDENTE ha uma Revista Politica, e que ao meu illustre collega João Verdades pertencem todos os assumptos que são da politica ou com a politica se relacionam.

Fora d'esses dois santos poucas ou nenhumas novidades tem havido; houve uma importante de facto, a inauguração do tunel do Rocio, a passagem do primeiro comboyo pela Lisboa subterranea, mas d'essa viagem que não é lá muito divertida, pouco poderia dizer fazendo-a e muito menos ainda tendo conhecimento d'ella apenas pelas rapidas noticias dos jornaes, que fallam muito menos das impressões da viagem do que das impressões da recepção, que lhes fizeram os organisadores da festa.

Novidades litterarias n'estes ultimos dias não conhecemos senão uma mas essa pela sua qualidade vale bem um punhado d'ellas.

É o discurso pronunciado pelo grande orador Antonio Candido na sessão do Palacio de Cristal no Porto em homenagem ao Infante D. Henrique.

Esse discurso notabilissimo em que refulgem todas as poderosas qualidades de estylista e de pensador, em que á belleza primorosa da forma se allia a pujança maravilhosa da idea, foi publicado em volume pela acreditada casa editora *Empreza litteraria e typographica*.

Recebemol-o hoje mesmo, passamol-o apenas pelos olhos, mas essa rapida passagem bastou para termos o deslumbramento que exerce em toda a gente o prestigioso talento de Antonio Candido.

Agora vamos lêr esse pequeno livro minuciosamente, como tambem vamos lêr outro livro importante que nos veiu do Porto — *As caldas do Gerez*, pelo illustre professor da escola medica d'aquella cidade, o abalisado medico o dr. Ricardo Jorge, e na proxima chronica fallaremos d'esses dois livros de tão differente indole, mas ambos tão notaveis pelos nomes gloriosos dos seus auctores.

E agora damos o espaço ao *Otello*.

Gervasio Lobato.

O OTELLO DE VERDI

A opera *d'obligo* da estação lyrica de 1888-1889 no theatro de S. Carlos de Lisboa foi mais do que uma novidade theatral no nosso repertorio lyrico, foi um verdadeiro acontecimento artistico na nossa terra, como o tem sido em todas as cidades onde tem sido representada.

Essa opera foi, como já sabem, o *Otello*, a ultima opera d'esse extraordinario compositor que se chama Giuseppe Verdi e que é o genio musical mais extraordinario e assombroso do nosso tempo, e basta para justificar amplamente estes dois adjectivos, a pujança enorme de talento e de inspiração, a profunda sciencia dos mais modernos processos artisticos, de que o colossal maestro faz prova brilhante n'essa monumental obra, concebida e escripta aos 74 annos d'idade!

O OCCIDENTE, seguindo á risca o seu programma não pode deixar de se occupar largamente d'essa opera, muito mais de que o tem feito todos os annos com a opera *d'obligo*, que dá o theatro de S. Carlos, visto o merecimento excepcional da obra, o successo extraordinario que teve entre nós e o logar proeminente que ella veio occupar na historia da musica no seculo XIX, e por isso quasi todas as gravuras do seu numero de hoje são dedicadas a esse grande acontecimento artistico, á reproducção das principaes scenas da opera, aos retratos do glorioso maestro e dos artistas illustres que tão brilhantemente crearam o *Otello* entre nós, e do distincto regente d'orchestra que ensaiou e dirigiu a opera com tanta arte e proficiencia. Emquanto ao retrato do librettista que é ao mesmo tempo um notavel poeta e um illustre compositor, Arigo Boito, o OCCIDENTE já publicou d'elle um retrato e biographia, quando ha annos se deu pela primeira vez em Lisboa a sua festejada opera *Mephistopheles*.

GIUSEPPE VERDI

O primeiro paragrapho da biographia do famoso auctor do *Rigoletto*, do *Trovador* e da *Aida*, parece perfeitamente o 1.º capitulo d'um romance *à sensation*.

Senão vejam:

A cêrca de 25 kilometros de Parma, e no antigo ducado d'este nome, apenas á uma legua de Busseto, existe uma pobre e miseravel aldeola, chamada Roncole, e que tem quando muito 200 habitantes. Ha 75 annos vivia ahi um casal honesto e laborioso, que tinha na unica rua da aldêa, uma reles *osteria* a cujo rendimento juntava os lucros d'uma pequena lojinha de mercearia e licores, onde se forneciam os habitantes da localidade e os *contadini* dos arredores.

Um dia essa pobre aldeia tão obscura, tão esquecida, e de ordinario tão tranquilla, foi theatro d'um terrivel drama de sangue e de desolação. Os austriacos e os russos tinham invadido a Italia levando a toda a parte as lagrimas e a morte, deixando por onde passavam um rasto de sangue e de terror. Uma manhã os invasores appareceram em Roncole. Os habitantes da pobre aldêa fugiram espavoridos; as mulheres loucas de medo, com os seus filhos nos braços, refugiaram-se na igreja, mas os russos foram ahi procural-as, assassinaram-n'as e roubaram-n'as mesmo aos pés dos altares, e apenas uma mulher com um sangue frio excepcional, teve a audacia de, no meio da confusão enorme, que reinava no templo, fugir com seu filho ao collo, para a torre dos sinos, onde escondida a um canto, não se atrevendo sequer a respirar, para não dar signal de si, esperou, cheia de terror que aquella medonha carnificina terminasse, que os assassinos se fossem embora.

E foram, e d'ali a muito tempo ella e seu filho, uma creança de peito ainda, sahiram sãos e salvos d'esse perigo enorme.

A pobre *contadina* que escapou como que por milagre a essa horrivel carnificina era a dona da *osteria* de Roncole, seu marido chamava-se Carlo Verdi e o filho d'esses dois aldeões, essa creança que duas vezes devia a vida a sua mãe, era o pequeno Giuseppe, o futuro auctor do *Otello*.

José Verdi nasceu portanto não em Busseto, mas sim em Roncole no dia 10 de outubro de 1813.

Como se vê nasceu de paes humildes e pobres, e foram modestissimos os seus principios.

Creado e educado por sua mãe que o adorava, o pequeno era muito socegado, muito obediente, muito boa creança, um pouco serio de mais para a sua edade, timido e concentrado. Uma cousa só o alegrava: — a musica, e o pequeno Verdi passava horas em extasis defronte de um pobre diabo de um musico ambulante, chamado Bagasset que vinha de tempos em tempos tocar na sua miseravel rabeca, para a porta da estalagem de Verdi.

Esse insignificante musico sympathisou com o pequenito que tanto apreciava as suas reles melodias, adivinhou no seu infantil espectador o instincto musical e foi o primeiro que lembrou a Carlo Verdi que mandasse ensinar musica a seu filho.

A primeira vez que Verdi ouviu orgão foi aos 7 annos e a impressão que lhe causou essa musica foi tão grande, que até lhe valeu um trambulhão.

Foi n'um dia de festa na igreja de Roncole, e o pequeno Verdi, como menino do côro, ajudava á missa. Quando ouviu o orgão ficou tão impressionado por aquelles sons para elle novos e estranhos que o padre pediu-lhe tres vezes agua «*acqua*» sem que elle o ouvisse.

A terceira *acqua*, o padre, que não tinha lá uma paciencia muito evangelica, deu um empurrão no pobre pequeno que o atirou pelos degraus do altar abaixo, queda que foi tão violenta que a creança desmaiou e teve de ser levada para casa sem sentidos.

Apenas voltou a si a primeira cousa que Verdi fez não foi chorar, foi renovar a seu pae o pedido tantas vezes já feito de lhe mandar ensinar musica. D'essa vez porem foi mais bem succedida a petição, e seu pae deu-lhe deferimento, comprou então a um padre velho um cravo muito mais velho ainda, sem cordas nem pedal.

No anno immediato em 1821 Stephano Cavolette fabricante d'instrumentos de musica, vendo as disposições que o pequeno Verdi tinha para a arte, promptificou-se a concertar o cravo, e pozlhe camurças, pedal, cordas, tudo de graça, unicamente pelo prazer de ver a alegria da creança em poder aprender a tocar.

Verdi conserva ainda hoje esse cravo e a inscripção que n'elle escreveu com má ortographia e boa intenção, o modesto fabricante que com o seu concerto o presenteara. Carlos Verdi accedendo como já dissemos ao pedido de seu filho tomou-lhe para mestre de musica um velho artista chamado Boistrochi, o organista da igreja de Roncole.

No fim de tres annos d'estudo Verdi era nomeado organista da egreja, taes eram os seus progressos artisticos, e seu pae animado por essa rapidez dos progressos, resolveu mandal-o frequentar uma escola em Busseto, apesar dos grandes sacrificios que isso lhe custava.

Ajudou-o n'essas despezas um seu patricio e amigo, um sapateiro que vivia em Busseto e que tinha a alcunha de *Pugnatta*, que, o recebeu em casa por uma insignificante quantia.

Ao cabo de dois annos Verdi sabia ler e escrever e entrava como empregado n'uma fabrica de licores, e vivendo com o seu ordenado dedicou-se de corpo e alma ao estudo da musica com Antonio Barezzi.

Foi com a filha d'esse seu mestre, Margarida Barezzi que Verdi mais tarde casou, e foi por en-

tremedio de Barezzi que elle conheceu um compositor de musica Proveri, que lhe deu licções, licções que elle aproveitou tão bem que aos 16 annos já sabia tanto como o mestre e já o substituia na direcção de varias sociedades philarmonicas.

Mas Busseto era uma terra muito insignificante já para a educação superior que reclamava Verdi e com o auxilio de Barezzi o pequeno artista partiu para Milão a completar os seus estudos.

Chegado ali apresentou-se nos exames de admissão ao conservatorio que era dirigido por Francisco Basily, mestre de certa nomeada e que reprovou Verdi *por não lhe encontrar nenhumas disposições para a musica.*

Este *veredictum* de Basily não é para estranhar: a historia da arte está cheia d'elles, e mesmo em Portugal temos cousa parecida com a opinião de Basily sobre Verdi, a opinião de Emilio Doux ácêrca de Taborda, a quem não achou nenhuma disposição para a scena e a quem prophetisou que nunca seria um actor!

Verdi não desanimou, repellido do conservatorio foi ter com o maestro Lavigna que o tomou sob a sua direcção, e que em breve foi pago d'esse trabalho pelos brilhantes progressos do seu discipulo.

Datam d'esse tempo muitas composições para piano, marchas, serenatas e um Stabat Mater de Verdi; a sua primeira composição é mais antiga é uma *ouverture* que elle escreveu não tendo ainda 15 annos, para a sociedade philarmonica de Busseto, onde foi executada na Paschoa de 1828.

A biographia de Verdi é interessantissima, muito accidentada e tem dado assumpto a muitos volumes.

É-nos inteiramente impossivel aqui seguil-a passo a passo; e tendo acompanhado Verdi desde a sua infancia até aos seus primeiros trabalhos como compositor vamos agora fazer uma resenha rapida da sua obra theatral.

O theatro foi desde os 15 annos o seu sonho dourado, e em 17 de novembro de 1839, tendo 26 annos fez representar no theatro da Scala de Milão, a sua primeira opera — *Oberto, conte di San Bonifacio*, que não teve um grande successo mas deu um bom numero de representações para obra de debutante.

No anno seguinte Verdi deu no mesmo theatro outra opera *Un giorno di regno*, que depois se tem representado com o titulo de *Il finto Stanislao*, mas que fez fiasco na primeira noite.

Verdi desanimou muito com esse *fiasco* e quiz renunciar ao theatro, mas a instancias de Merelli, o emprezario do Scala, escreveu outra opera, o *Nabuco*, que se representou em 9 de março de 1842, e que teve um grande successo, o primeiro verdadeiro successo de Verdi.

O maestro estava consagrado e os triumphos succedem-se colossaes. Depois do *Nabuco* os *Lombardos* (1843), *Ernani* (1844), *Due Foscari* (1844), *Giovanna d'Arco* (1845), *Alzira* (1845), *Attila* (1846), *Macbeth* (1847), *Masnadieri* (1847), *Il Corsaro* (1848), *La Battaglia de Legnano* (1849), *Luisa Miller* (1849), *Steffelio* (1850), *Rigoletto* (1851), *Trovador* (1853), *Traviata* (1853), *Vesperas Sicilianas* (1855), *Simão Boccanegra* (1857), *Aroldo* (1857), *Baile de Mascaras* (1859), *Força do Destino* (1862), *D. Carlos* (1867), *Aida* (1871), *Otello* (1887).

É colossal esta resenha d'operas: é n'ella se vê a pujança enorme d'esse genio maravilhoso e d'esse trabalhador infatigavel, que durante muito tempo produziu anno a anno uma grande *opera*, e quasi sempre uma grande obra.

Nem todas as operas de Verdi tem sido successos enormes, mas o numero dos fiascos e dos meios successos, desapparece completamente ante o numero de triumphos colossaes como o *Trovador*, o *Rigoletto*, a *Traviata*, que se desforrou por um exito excepcional do *fiasco* que fez na 1.ª noite, o *Ernani*, as *Vesperas*, o *Baile de Mascaras*, o *D. Carlos*, a *Aida* e por ultimo o *Otello* cujo *successo* tem sido enorme por toda a parte.

O OTELLO

Parece que desde 1855 que a dilacerante tragedia shakspereanna tentava o genio muzical de Verdi, mas o *Otello* de Rossini aterrava-o, enchia-o de hesitações, de receios, de escrupulos, temia que se julgasse que era o orgulho de superar o famoso auctor do *Barbeiro*, que o levava a lançar mão do assumpto que Rossini já tratara.

Entretanto esses escrupulos e esses temores foram-se desvanecendo pouco a pouco, a questão estava na maneira de arranjar o *libretto* d'um modo differente do libretto rossinianno, e Boito encarregou-se d'isso.

No fim do verão de 1884 Arigo Boito entregou a Verdi o libretto do Otello, escripto em deliciosos versos e que é realmente um dos *librettos* litterariamente mais notaveis que se conhecem em opera italiana, que não são lá muitos.

Verdi leu o poema de Boito achou-o excellente e poz-se logo á obra, e na noite de 5 de Fevereiro de 1887, representava-se pela primeira vez no theatro Scala de Milão, o *Otello* de Verdi, tendo por principaes interpretes, Romilda Pantaleoni — que ha annos cantou em Lisboa sem grande successo, — o meio soprano Ginevria Colombo Petrovich, o tenor Tamagno, tambem muito nosso conhecido, o barytono francez Victor Maurer, o baixo Navarini que esteve duas epocas em S. Carlos de Lisboa e o segundo tenor Paroli, que ha duas epocas faz parte da companhia do nosso theatro lyrico.

O successo do Otello foi grande na primeira noite e maior é cada vez mais, porque quanto mais se ouve aquella musica poderosa em que a inspiração uberrima de Verdi se casa á sua profunda sciencia musical, mais o *Otello* agrada e mais se admira a pujança verdadeiramente extraordinaria do gigantesco talento do seu glorioso auctor.

O *Otello* é uma opera perfeitamente moderna em que se encontra a par de todos os caracteristicos que distinguem Verdi entre todos os compositores do nosso tempo, o dedo do gigante, a mais completa sciencia dos novos processos musicaes, a arte de hoje posta ao serviço d'um talento poderosissimo, como não ha hoje outro no mundo musical.

O libretto de Boito alterou o drama de Shakespeare, passou a acção do seculo XVI para o seculo XV, localisou a acção na ilha de Chypre, e cortou todas as scenas que precedem o casamento de Otello com Desdemona, e supprimiu o personagem de Barbantio.

O primeiro acto passa-se n'um terraço do castello de Otello d'onde se vê o mar onde as galeras venesianas são acossadas pela tempestade.

O côro de abertura, o côro da tempestade é d'um effeito enorme; segue-lhe a entrada de Otello, com uma phrase soberba de tenor, depois o côro de *fucoo di gyoia*, um côro delicadissimo e muito original, o duetto de Yago e Cassio, a canção de Yago, d'uma *coupe* estranha e nova, a scena do duello de Cassio e Montano, magistralmente desenhada na orchestra e termina com o *duo* de amor de Otello e Desdemona o unico duetto de amor que ha na opera, mas é uma pagina admiravel de doçura e de poesia.

No segundo acto ha o *credo* de Yago, que é um trecho original e de um effeito extravagante, o duetto de Yago e Otello, duetto em que está engastada uma verdadeira perola, a narrativa feita por Yago do sonho de Cassio, que é uma obra prima; a mandolinata em honra de Desdemona, que é de effeito, mas que muzicalmente é talvez o trecho mais fraco da partitura, o duetto de Desdemona e Otello, seguido do quartetto com Yago e Emilia, e do *duo* de juramento de Yago e Otello que é de grande energia e colorido.

O terceiro acto tem uma das paginas capitaes da partitura o tercetto de Yago, Cassio e Otello, que é positivamente uma maravilha, e a scena que fecha o acto, que tem muita grandeza theatral.

O quarto acto é todo elle uma obra prima, sobresahindo entre todos os primores que se agrupam prodigamente n'esse acto a *Ave Maria* de Desdemona, um trecho deliciosissimo, que em Lisboa foi todas as noites *bisado*, o desenho da orchestra á entrada de Otello, o dueto de Otello com Desdemona, d'uma grande intensidade dramatica e todo o final da opera.

É já sabido o *successo* enorme que o *Otello* alcançou em S. Carlos, successo merecedissimo e justificadissimo, mas que nos surprehendeu um pouco, porque a partitura do *Otello* não é d'aquellas que mais facilmente se comprehendem.

Mas o que n'essa partitura ha é um talento enorme que assombra e que se faz sentir logo aos primeiros compassos, e o publico, mesmo antes de poder ver e comprehender minuciosamente as bellezas do *Otello* de Verdi, foi por elle deslumbrado.

O *Otello* subiu pela 1.ª vez á scena na noite de 23 de março passado A opera foi montada com grande luxo, guarda-roupa todo novo, segundo os figurinos italianos, scenario todo novo tambem pintado pelo illustre scenographo o sr. Manini.

O *Otello* tem só 4 vistas, e a que fez mais effeito foi a da grande sala do palacio no 3.º acto.

O Occidente reproduz hoje em gravura, a vista do 1.º acto durante a tempestade, a do 2.º acto, na scena em que Otello derruba Yago, a vista do 3.º acto na famosa scena do lenço, e a do 4.º acto, na morte de Desdemona, e n'um lyrico *croquis* Desdemona resando a celebre *Ave-Maria*, e dá os retratos de Campanini, Eva Tetrazzini e Battistini, lamentando não dar o do tenor Broghi, que lhe foi completamente impossivel obter a tempo.

A opera foi muito bem ensaiada e dirigida pelo maestro Cleophonte Campanini, que já a tinha ensaiado e dirigido com grande exito na America, e cantada pela *prima-dona* Eva Tetrazzini Campanini, que já tambem a cantára na America com o mesmo brilhante exito que alcançou em Lisboa, pelo tenor Broghi e barytono Battistini que pela 1.ª vez cantavam a parte de Otello e de Yago.

Os outros papeis foram desempenhados pelo sr. Paroli, um 2.º tenor que creou a parte de Cassio em Milão, e pelo 1.º baixo o sr. Meroles, sr.ª Prandi e srs. Durini e Soldá que pela primeira vez desempenharam a difficil opera de Verdi.

O maestro Cleophonte Campanini, é um musico muito distincto, novo ainda mas que sabe já muito da sua arte, porque tem um grande amor, e que é dotado d'um aprimorado gosto artistico. Campanini, casou ha poucos annos com a illustre prima-dona Eva Tetrazzini, e foi este o primeiro anno que veio a Lisboa.

As condições em que veio eram difficeis e perigosas, pois vinha substituir o maestro Mancenelli de quem o publico de S. Carlos gostava tanto e com muita razão.

Apesar do perigo da substituição Campanini conseguio agradar, conquistar sympathias pelo seu talento e pelo seu dedicado trabalho, e na *D. Branca*, a opera que Mancenelli ensaiára e dirigira tão primorosamente na epoca finda, Campanini teve um verdadeiro triumpho que é o seu maior elogio.

A prima-dona Eva Tetrazzini.—A formosa cantora que Lisboa tanto victoriou esta epoca e cuja reconducção para a epoca seguinte foi recebida com enthusiasmo e alegria por todos os frequentadores de S. Carlos, nasceu em Milão, em 1863, tendo portanto hoje 26 annos d'idade.

Fez a sua educação muzical no conservatorio de Florença, dirigida pelo illustre maestro Cecelcerino, de quem é a discipula predilecta.

Em 1882, tendo apenas 19 annos d'edade debutou no theatro Perola d'aquella cidade no papel de Margarida no *Fausto* de Gounod. O seu debute foi um colossal triumpho, e o publico de Lisboa póde comprehender bem isso, porque viu ainda ha semanas Tetrazzini fazer o *Fausto* e cantar e representar o 2.º e 3.º acto, principalmente, como nunca em Lisboa tinham sido cantados nem representados, apesar de já termos applaudido essa Margarida extraordinaria que se chama Fidès Devriés. O exito enorme de Tetrazini no *Fausto*, lançou-a logo em plena nomeada: de Florença passou a America com grande successo, e de volta á Europa cantou, sempre com progressivo successo, em Genova, Nice, Paris, Marselha e ultimamente em Madrid onde teve grande exito, tão grande, que levou a empreza de S. Carlos a escriptural-a.

Eva Tetrazzini debutou em S. Carlos na *Aida*, sendo applaudida com justiça, mas uns applausos modestos que não deixavam advinhar as ovações enormes que o publico lhe havia de fazer durante o resto da epoca.

No *Fausto*, porém, já o enthusiasmo começou: a representaçao da opera de Gounod foi um verdadeiro triumpho para Tetrazzini, e a representação da *Gioconda* foi lhe uma brilhante apotheose. O publico tinha admirado ainda no anno passado a creação genial que a Theodorici fez da *Gioconda*, e apesar d'isso, apesar d'essas recordações tão recentes ainda e tão gloriosas, a Tetrazzini, interpretando o papel de outra maneira, não lhe dando o possante colorido tragico que lhe dava a Theodorini, cantou e representou a opera de Giacomeli surprehendentemente, maravilhosamente, conseguindo até mesmo no *duo* do 2.º acto com a Pasqua, ter as honras da execução.

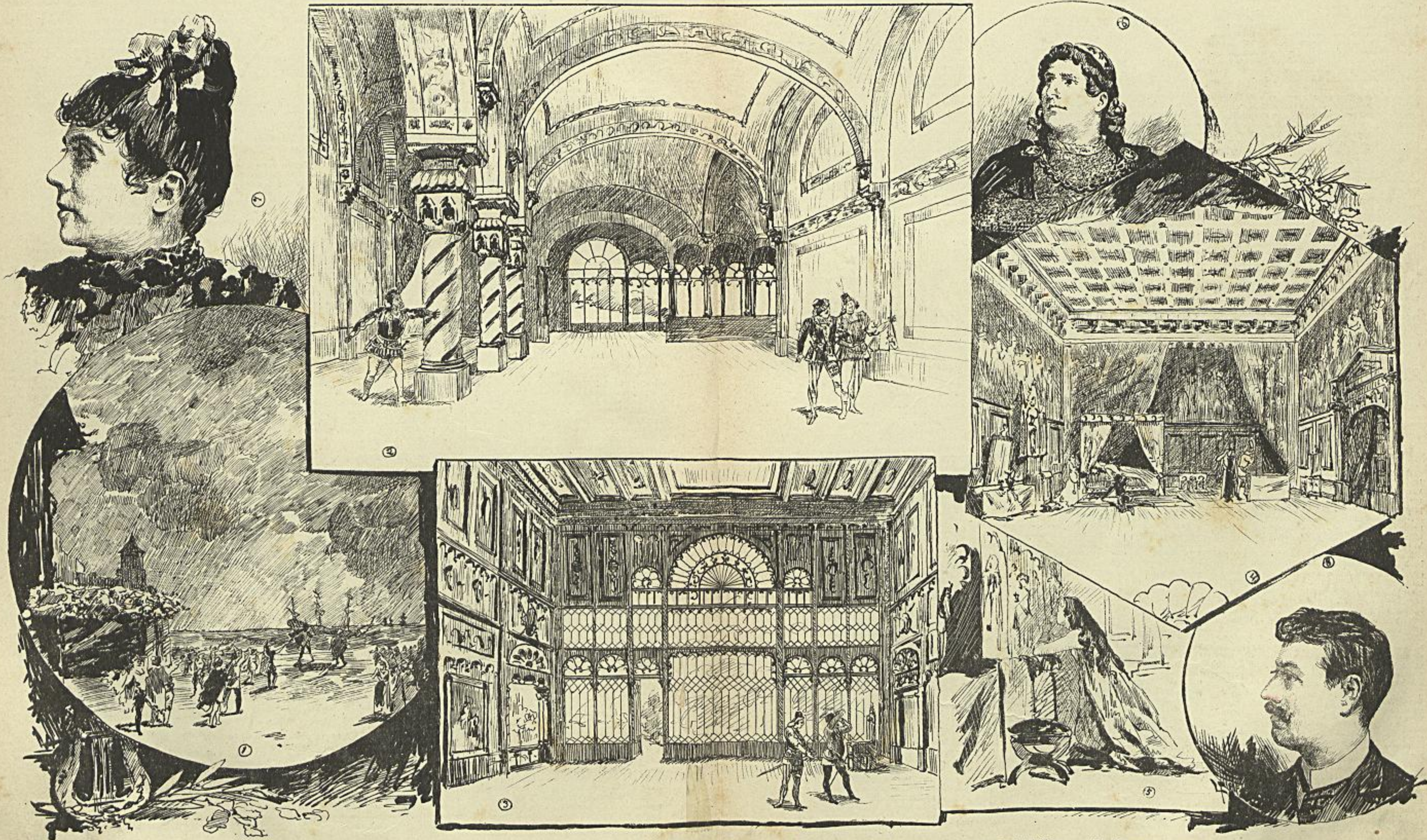
A *Gioconda* consagrou a Tetrazzini em Lisboa: e d'ahi por deante o publico completamente fascinado pela talentosa artista fez-lhe ovações sobre ovações, até á ovação da noite do seu beneficio com o *Otello*, em que no fim do espectaculo a chamou 22 vezes ao proscenio, um numero de chamadas que raras vezes attingem as mais enthusiasticas ovações de S. Carlos.

O tenor Broghi. — É um artista consummado, senhor de todos os segredos da arte de canto, e que fez carreira brilhante como barytono. Como barytono porem tinha um defeito — a voz muito atenorada.

Broghi para se ver livre d'esse defeito resolveu passar a cantar de tenor.

Mas ahi segue-lhe o defeito, que é o unico que como cantor mais saliente se torna — ter a voz muito abarytonada.

Mestre consumado na arte de cantor Brogh consegue fazer-se applaudir muitas vezes e com en-

REAL THEATRO DE S. CARLOS

1, 1.º acto, Scena da tempestade. — 2, 3.º acto, a scena do lenço. — 3, 2.º acto, scena da intriga de Yago. — 4, 4.º acto, scena final, morte de Otello. — 5, 4.º acto, «Ave Maria». — 6, o barytono Battistini, Yago. — 7, Eva Tetrazzini. — 8, Cleophonte Campanini.

O OTELLO

(Desenhos por L. Freire)

thusiasmo como aconteceu no Otello, na D. Branca e no Propheta — a opera do seu *debute*. O publico applaude-o, gosta de o ouvir, mas fica sempre na duvida se se applaudiu um tenor ou um barytono.

O BARYTONO BATTISTINI. — Battistini occupa no mundo lyrico logar brilhante entre os primeiros barytonos da actualidade, Maurel, Cotogni, Kaschmann, Devoyood e Francisco d'Andrade.

E um rapaz novo ainda, alto, elegante, distinctissimo o que não admira dada a sua fina educação, dada a sua nobre familia, porque Battistini é d'uma familia italiana muito distincta e tinha o titulo de barão, que eliminou dos seus bilhetes de visita, quando se resolveu a seguir a carreira artistica, para que o impellia irresistivelmente o seu esplendido talento, e a sua formosissima voz de barytono que não tem hoje muitas que se lhe ponham a par.

Battistini tem um grande nome no mundo theatral, e veio para S. Carlos precedido de grande fama, e justificou-a brilhantemente apesar de não ter cantado em S. Carlos nenhuma das operas que são as suas mais gloriosas corôas como por exemplo o *D. João*, a *Linda*, o *Rigoletto*, etc.

Battistini trabalhou immenso esta epoca em S. Carlos, estudando e representando dois papeis novos para elle e dois papeis de grande responsabilidade e de grande folego como são, o barytono de *D. Branca*, e o Yago do *Otello*.

N'este ultimo papel principalmente Battistini foi realmente extraordinario como actor e como cantor e crêmos que difficilmente será igualado o seu Yago.

A empreza de S. Carlos queria reconduzir para a proxima epoca o illustre barytono, mas Battistini não acceitou o convite porque indo agora, como foi, fazer já uma estação lyrica na America hespanhola, não se quiz prender com escriptura para outubro, pois deseja descansar depois da viagem uns mezes, do longo trabalho que tem tido e que vae ter.

Battistini não acceitou escriptura em S. Carlos para a proxima epoca, mas prometteu voltar outra vez a Lisboa onde o seu talento deixa tão gratas recordações e o seu nome tão gloriosa memoria.

G. L.

AS NOSSAS GRAVURAS

NOVA MACHINA AEROSTATICA DE MR. HOLMES

A navegação aerea continua a preoccupar muitos espiritos por esse mundo e os ensaios de novas machinas aerostaticas baseadas em diversos systemas, succedem-se com frequencia, com firme proposito de resolver o grande problema.

Agora chega-nos da America a noticia de uma nova experiencia feita com uma machina inventada por Mr. John P. Holmes, machinista em Oak Valley, nos Estados Unidos.

E no periodico *Scientific American*, que se publica em New York que lêmos a noticia e d'elle copiamos a estampa que reproduz o novo aerostato que faz o assumpto da gravura da pagina 88.

Consta o novo machinismo de uma placa de aço horisontal ligada por differentes reguas, tambem d'aço, a um aro do mesmo metal sobre que se prende uma tela de seda, e que se conserva em plano parallelo á placa d'aço.

N'esta placa, sobre a qual vae o aeronauta deitado de bruços, ha uma combinação de regretas de aço que lançam para a parte de traz do apparelho uma especie de leme formado com tela de seda, e que o aeronauta faz mover com as pernas conforme a direcção em que quer navegar.

Na frente do apparelho ha uma combinação de rodas com umas alavancas ao alcance das mãos do aeronauta, para regular o movimento do aerostato, e que communicam com uma especie de ventoinha que vae na frente e é formada por pequenas vellas tambem de seda.

Vê-se que o systema d'este aerostato funda-se no principio natural que faz voar as aves no espaço, mas comquanto este systema pareça o mais racional é todavia certo que o homem ainda o não poude aplicar com bom resultado, tendo se feito varias tentativas d'esde as epocas mais remotas.

O *Scientific American* não diz nada do resultado da experiencia agora feita com o aerostato de mr. Holmes, entretanto a nova machina pode offerecer algum interesse para os que andam empenhados em resolver o problema da navegação aerea, e nós aqui a estampamos, pela mesma razão que temos reproduzido outras machinas destinadas ao mesmo fim.

INSTITUIÇÕES SOCIAES PORTUGUEZAS

VI

OS CORREIOS

(Concluido do n.º 369)

A infanta regente D. Isabel Maria querendo galardoar José Basilio Rademaker, official maior do ministerio dos estrangeiros, deu-lhe o alto logar de superintendente geral dos correios.

A este succedeu em 1828 como sub-inspector o primeiro official do mesmo ministerio Antonio Xavier Castello-Branco, e por fim, em 1833, o visconde de Villarinho de S. Romão que por pouco tempo dirigiu o serviço.

Sendo nomeado sub-inspector João de Sousa Pinto de Magalhães, este tratou logo de organisar em melhores condições a entrega das cartas em domicilio e a fiscalisação d'essa entrega, fazendo além d'isso muitos outros melhoramentos entre elles: a scisão do correio em duas divisões na cidade; a da esquerda e a da direita. O edificio do correio da esquerda da cidade foi estabelecido no convento dos Marianos, na rua dos Fanqueiros e o da direita em um palacio á rua das Trinas.

A reforma postal de 4 de maio de 1853 veiu lançar novas e profundas bases ao serviço postal e estabelecer como obrigatorio o sello official, ou *estampilha*, para a franquia das cartas e impressos, passando assim o expedidor a pagar o porte e não o destinatario, como era uso até ali.

Essa reforma tornou-se tambem notavel por ter acabado com os *correios assistentes* ou *rendeiros*[1] em algumas terras, e por estabelecer em todo o reino o serviço desempenhado só por empregados publicos.

A esphera d'esses serviços foi alargada convenientemente dividindo-os em 10 administrações, 219 divisões e 183 delegações.

A João de Sousa Pinto de Magalhães seguiu-se, como sub-inspector, Eduardo Lessa.

*
* *

Pela creação do ministerio das obras publicas commercio e industria, o serviço dos correios e postas do reino, que estava, como já dissémos, a cargo da secretaria dos negocios estrangeiros, passou a fazer parte da direcção das obras publicas, creada no novo ministerio.

Em 11 de julho de 1863, o duque de Loulé, creou as ambulancias postaes.

Em 30 de dezembro de 1864, gerindo a pasta das obras publicas o sr. João Chrysostomo de Abreu e Sousa, a sub-inspecção geral dos correios foi extincta e creado o novo cargo de *Director Geral dos Correios e Postas do Reino*, na pessoa do sub-inspector d'esses serviços o conselheiro Eduardo Lessa.

Ainda em 12 de novembro de 1869 e 7 de julho de 1880 se realisaram duas importantes reformas dos correios. Aquella, feita pelo sr. José Joaquim Lobo d'Avila, entre outras disposições, eliminou as ambulancias; esta pelo sr. Augusto Saraiva de Carvalho fundiu em uma só as duas direcções externas dos correios e telegraphos e creou a *posta rural*. As repartições do correio geral foram transferidas, as que diziam respeito á administração central para umas casas ao rez do chão da arcada oeste do Terreiro do Paço, e as da direcção geral para o palacio da rua do Sacramento, ao Carmo.

Já a este tempo estava superintendendo aos serviços dos correios telegraphos e pharoes o sr. conselheiro Guilhermino Augusto de Barros que, pela aposentação dada ao sr. Eduardo Lessa, foi nomeado para aquelle cargo em 30 de outubro de 1877.

Em 29 de julho de 1886 realisou o sr. Emygdio Julio Navarro uma remodelação geral nos serviços a seu digno cargo. O dos correios não foi esquecido n'essas vastas reformas: a direcção geral que era externa, e quasi que autonoma, tornou-se uma direcção interna da secretaria d'estado do ministerio das obras publicas e subordinada ás mesmas regras geraes das outras direcções.

Extinguiu-se a secretaria dos correios e a contadoria, passando as attribuições d'esta para a repartição de contabilidade do ministerio; os quadros foram augmentados e houve accrescimo nos vencimentos do pessoal, medida plenamente justificada pelo crescimento das receitas a que n'estes ultimos annos tem attingido os serviços telegrapho postaes. O augmento da despeza com a gerencia d'esses serviços subiu a trinta e tantos contos de réis. Aqui não se manifestou unicamente a nobreza de coração do illustre ministro reformador, senão tambem a inadiavel necessidade do referido augmento.

Para que os serviços telegrapho-postaes se desenvolvam e adquiram a previa regularidade e exactidão; para que elles inspirem a confiança publica e tenham uma circulação rapida e segura, são indispensaveis dois motores:—o *dinheiro* e a *vigilancia*, isto é, o empregado n'esses serviços tão pesados como compromettedores, deve ser bem pago e... bem vigiado.

Não é só pelo alargamento de boas estradas, e pela multiplicidade das vias ferreas, que os serviços dos correios e telegraphos pódem prosperar e justificar a alta importancia que elles tem na sociedade, e designadamente no commercio e na industria, mas na escolha de bons e zelosos empregados e na digna retribuição dos seus trabalhos.

O illustre ministro assim o entendeu, e hoje os serviços dos correios em Portugal, podem equiparar-se aos dos principaes paizes da Europa.

Falta-lhe um edificio condigno, mas esse não se fará esperar.

Silva Pereira.

[1] A estes correios concedia-se-lhes o producto das correspondencias que entregassem ao publico debaixo da condição expressa de pagarem ao estado uma certa e determinada pensão, que variava segundo a importancia das terras onde residiam.

NO CONFESSIONARIO

A José Sampaio (Bruno)

Eu bem te disse! E agora? O que é preciso
É vêr se descortinas
Qualquer expediente...
Vossés não têm juizo!
Anda a gente a esbofar-se a dar conselhos
E vossés inda em cima a rir da gente...

E logo o estoira-vêrgas
Do filho do Morgado,
Que é mesmo um desalmado,
Que não paga a ninguem o mal que faz!
Melhor tu désses trélla a um bom rapaz
Inda que pobre, mas que fôsse honrado...
A mim bacorejou-me sempre e sempre
Um triste resultado!

Quantas vezes te eu disse, alli na estrada,
A bôca da noitinha,
Junto da encruzilhada:
— «Deixa o Fidalgo, tôla,
Trata de te ir embora!» —
E tu, que é que fazias?

Davas uma risada
Muito repetenada
Que estremunhava os écos por ahi fóra,
Mas fugir de ao pé d'elle, — isso fugias!
Tenho pêna de ti, que és desgraçada...
Põe-te a chorar, agora!

Estes dizêres lançava o padre-cura
A mais fresca moçoila do logar:
— Perfeita rapariga,
Massiça constructura,
Corpo de enfeitiçar...

Mediu-a attentamente. E engatilhando
Nos dedos mal cuidados
A pitada solemne, o meio-grôsso,
Mordêram-no as saudades
Do tempo em que era môço.

— O bello tempo! — Agora
Ralavam-no as tristezas:
Quasi nem fôrças tinha
Para obrigar os olhos
A aprofundar a linha,
A compleição robusta das frêguêzas ..

Elle achava as mulheres cheias de graça,
Amor, vida e doçura,

— Pois são a esperança nossa...
E tinha tanta mágua de ser velho!
Já se lembrava até da sepultura...

Mas fungando o rapé nervosamente,
Passando inquietamente
Nas azas do nariz
O lenço de algodão,
Fitou de novo a airosa penitente
Em lagrimas banhada;
E então mui froixamente
Bateu-lhe o coração...

Depois, de si comsigo,
Cheirando outra pitada:
— «O Morgado, afinal, teve razão...» —

(Das Aquarellas)

João Diniz.

O ESCARAVELHO DE OURO

CONTO DE EDGAR POE

(Continuado do n.º 366)

Eu estava muitissimo fatigado, mas, por uma mudança no meu espirito, que mal pedia perceber, já não sentia tão grande aversão ao trabalho que se me impuzera. Pelo contrario, ia-me singularmente interessando, animado cada vez mais. Havia no proceder extravagante de Legrand o que quer que fosse de presciencia, de deliberação, que me impressionava. Cavei animadamente, e de vez em quando dava commigo a procurar com a vista, cheio de esperança ou cousa parecida, esse thesouro imaginario, cuja vizão endoudecera o meu infeliz companheiro.

Havia talvez hora e meia que cavavamos, e era eu mais do que até então presa de um dos taes desvarios, quando de novo fomos interrompidos pelos violentos huivos do cão. Mas agora era extrema a inquietação do animal: assumio um tom muito mais serio que da primeira vez, em que evidentemente só tinha havido brincadeira ou capricho. Querendo Jupiter acaimal-o, fez uma resistencia furiosa, e saltando na cova, poz se a excavar a terra freneticamente com as mãos. Em alguns segundos descobriu uma porção de ossos humanos, que formavam dois esqueletos completos, misturados com muitos botões de metal e uma cousa que parecia ser lã podre. Uma ou duas enxadadas fizeram saltar a folha de uma grande navalha, e cavando-se um pouco mais appareceram espalhadas tres ou quatro moedas de ouro e de prata.

Ao ver isto, Jupiter mal pôde conter a sua alegria, mas o amo pareceu ficar contrariado. Pediu-nos comtudo que continuassemos a obra, e ainda bem elle não tinha acabado de fallar, tropecei e cahi de bruços: topara n'uma grande argola de ferro que estava meio enterrada no solo.

Continuámos o trabalho com mais ardor; e nunca passei dez minutos em maior estado de exaltação. Durante este espaço de tempo desenterrámos completamente um cofre de madeira de fórma oblonga, que a julgar pela sua perfeita conservação e assombrosa rijeza, fôra evidentemente submettido a algum processo de mineralisação talvez o bichloreto de mercurio. Este cofre tinha, tres pes e meio de comprimento, tres de largura e dois e meio de altura. Estava amparado solidamente por duas folhas de ferro forjado, rebatidas e formando em roda como uma grade. De cada lado do cofre, perto da tampa, havia tres argolas de ferro, seis ao todo, por meio das quaes seis pessoas o podiam transportar. Todos os nossos esforços reunidos mal poderam movel-o do seu leito. Conhecemos logo a impossibilidade de carregar com tão enorme peso. Por fortuna a tampa só estava segura por dois ferrolhos que corremos, pallidos e tremulos de anciedade. Immediatamente um thesouro de incalculavel valor se patenteou deslumbrante aos nossos olhos. Os raios das lanternas cahiam na cova e faziam soltar de um montão confuso de ouro e joias relampagos e resplendores, que positivamente nos salpicavam os olhos.

Não buscarei descrever as sensações com que eu contemplava o thesouro. O assombro como se póde suppor, tudo dominava. Legrand estava como desfallecido e poucas palavras pronunciou. O rosto de Jupiter apresentou por momentos a mortal pallidez possivel no rosto de um preto. Parecia estupefacto; como assombrado por um raio. De repente cahiu de joelhos na cova e mergulhando no ouro os braços nus até o cotovello, deixou-os assim bastante tempo, como se gosasse das voluptuosidades de um banho. Por fim com um profundo suspiro, exclamou, como fallando comsigo mesmo:

«E tudo isto vem do escaravelho de ouro? do precioso escaravelho de ouro? do pobre escaravelhosinho de ouro que eu injuriava e calumniava! Não tens vergonha de ti, negro? Vamos, que respondes?

Foi necessario que eu despertasse, por assim dizer, o amo e o creado, e que lhes fizesse comprehender a urgencia que havia em transportar o thesouro. Fazia-se tarde e era mister empregar alguma actividade se queriamos que tudo estivesse a salvo em casa antes de romper o dia.

Não sabiamos por onde começar, e perdiamos muito tempo em deliberações; tão baralhadas tinhamos as idéas. Afinal alliviamos o cofre tirando as duas terças partes do conteudo, e não sem custo ainda, conseguimos arrancal-o da cova. Depositámos entre as sarças os objectos que tirámos, confiamol-os á guarda do cão, a quem Jupiter ordenou estrictamente que não ladrasse sob nenhum pretexto e nem sequer abrisse a bocca emquanto não voltassemos; e puzemo n'os apressadamente a caminho.

Seria uma hora quando entramos na choupana sãos e salvos; mas o cansaço era tal que não podiamos continuar immediatamente na faina. Descansámos portanto até ás duas horas, e só depois de cearmos voltamos aos montes com tres grandos saccos que por fortuna achámos na habitação. Chegamos ao nosso destino um pouco antes das quatro da madrugada; repartimos o mais egualmente possivel o resto do thesouro, e sem nos darmos ao trabalho de encher a cova, dirigimo-nos para casa. onde por segunda vez depositamos os nossos preciosos fardos, ao tempo em que os primeiros raios da aurora appareciam a leste, por cima das copas das arvores.

Estavamos completamente derreados; mas a exaltação do espirito não nos deixava descançar. Depois de um somno agitado de tres ou quatro horas, levantamo-nos todos ao mesmo tempo, como se estivessemos combinados, para examinarmos o nosso thesouro.

(Continúa)

Francisco de Almeida.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XII

Chegado á porta do primeiro andar o major apesar de muito bruto não teve coragem de seguir á risca o programma malcreado que sua mulher delineara, e de se despedir do visinho deixando-o ali na escada como um cão.

E por isso n'um accesso de delicadeza a que não era muito attreito offereceu:

— Agora se quer entrar, e esperar sua mana cá em casa, em vez de a esperar aqui na escada, disse elle com pouca vontade de esperar pela resposta, entrando para casa e preparando-se já para fechar a porta.

Mas o Quim agarrou-se logo a esse offerecimento.

A perspectiva de passar o resto da noite nos degraus da escada, como um ratoneiro, elle que já como tal fôra tomado essa noite na escada do sr. Leitão — e, além d'isso, o receio de que sua irmã não viesse muito cedo, o que era provavel, visto não ter recolhido até aquella hora, e que ficasse ali deitado a dormir na escada exposto aos olhos dos padeiros, dos leiteiros, dos moços das compras e de todo esse pessoal matutino que ao romper do dia começa o seu giro por todas as escadas, fizeram-no deixar-se de cerimonias, não se fazer de manto de veludo para acceitar o offerecimento, que lhe faziam, e agarrou-lhe com as mãos ambas como se elle fosse feito com a maior boa vontade d'este mundo.

— Então visto v. ex.ª querer esse incommodo acceito com muito gosto, disse elle enfiando logo pela casa do major Rodrigues, antes de que este se arrependesse.

O major ficou muito surprehendido com a resposta do Quim; nunca lhe passara pela cabeça que elle acceitasse o offerecimento, sobre tudo assim logo á primeira, e fôra por isso que lh'o fizera por honra da firma apenas, e firmemente resolvido a não instar nada.

Mas não eram precisas instancias, e agora não podia voltar com a palavra atraz.

E completamente entupido com a resolução do Quim em acceitar o favor que lhe offereceram, entrou para casa de muito mau humor e abrindo a porta da sua saleta ao Quim disse-lhe com modos bruscos, nada hospitaleiros.

— Olhe, fique ahi se quer: póde dormir n'aquelle canapé, mas não fume por causa do fogo, nem faça bulha para ver se eu consigo adormecer a pequenada.

E retirou-se logo, fechando a porta da saleta á chave por fóra, pelo amor das duvidas.

O Quim ficou um pouco embatucado com aquella maneira de receber hospedes.

Fecharem-n'o á chave n'um quarto como se fecha n'um calabouço do governo civil um gatuno, era duro, realmente duro, e sobre tudo para um homem delicado, amavel, habituado a sociedade como era o Quim Barradas.

Mas em summa as cousas tomam-se como da mão de quem vem; e o major Rodrigues era bruto e portanto nada admirava que o pilriteiro desse pilritos.

O Quim consolou-se com estas considerações philosophicas sobre a relação que ha entre o fruto e a arvore que o produz, e com a comparação entre — a dureza dos degraus da escada, o frescosinho cortante da porta da rua, e a atmosphera mais agasalhada d'aquella saleta, e as molas mais macias decerto da *chaise longue* que alem, junto da parede, lhe estendia docemente os braços.

E encolhendo os hombros, defronte da porta que lhe acabavam de fechar na cara, dirigiu-se moido, aborrecido das aventuras da noite para a *chaise longue* apetitosa.

Mas este mundo de Christo não passa d'uma serie successiva d'illusões: as apparencias são enganadoras e do mesmo modo que a gente vê caras e não vê corações, tambem vê estofos e não vê molas.

O Quim não as viu mas sentiu-as, e apenas se atirou para cima da *chaise longue* ergueu-se logo n'um pulo, todo dorido d'uns espetos de arame, duros e aggressivos, que se lhe tinham enterrado pelo corpo.

Magoado e desapontado o Quim olhou em torno á procura d'outro sitio onde se deitar.

Mas a saleta do major Rodrigues parecia-se muito em mobilia com as salas ricas das operas de S. Carlos.

Uma meza, uma cadeira de palhinha e a tal *chaise longue* inquisitorial.

Com muito cuidado e depois de ter apalpado onde estavam os taes ferros que tão duramente sentira, o Quim sentou-se a medo, e com muito geito na bordinha da *chaise longue* a ver se com bons modos e cautellas podia sentar-se pouco a pouco sem despertar as iras d'aquellas molas desafinadas.

Mas qual historia! Preparada como instrumento de tortura bem fabricado, a cadeira mal sentia o paciente atacava-o logo, vigorosamente, com a furia d'uma gata a quem querem roubar os gatinhos das suas entranhas.

O Quim desistiu. Sentou-se na cadeira de palhinha e encostou-se á meza, meditando nos estranhos acontecimentos d'aquella noite. De repente porém, olhando para o chão, nas suas meditações, teve uma idéa redemptora.

Se elle se deitasse no sobrado?

A casa não estava lá muito limpa, mas elle é que estava muito moido, e sentado custava-lhe a dormir como a breca.

E optou pelo chão pouco limpo, sacudiu as taboas com um lenço e deitou-se fazendo do seu *par-dessous* travesseiro.

(Continúa).

Gervasio Lobato.

REVISTA POLITICA

Reabriu o parlamento as suas portas aos representantes da nação e aos espectadores das galerias. D'esta vez não houve hymno nem houveram foguetes, e o proprio ceu não animou a festa com as alegrias do supremo astro, o que não deixa de influir no animo dos peninsulares, habituados ao surriso prene da natureza n'este *jardim da Europa á beira mar plantado.*

Depois era uma sexta feira, dia aziago, pouco dado a fortunas, e d'isso houve logo uma prova bem amarga, na carta-officio dirigida á camara pelo sr. Vicente Monteiro.

N'esta carta, o sr. Vicente Monteiro declarou

terminantemente não ter sido havido nem achado no negocio que determinou o pagamento da divida dos tabacos, e que a lei que modificou o regimen da fabricação do tabaco, de que elle elaborou o parecer, não auctorisava o pagamento que o governo fez, pelo que entendia ser esse pagamento contrario á mesma lei; que a interpretação errada que se tinha dado á lei e na qual o queriam envolver o levava a demettir-se da camara renunciando o seu mandato.

É este, em resumo, o espirito da carta do sr. Vicente Monteiro, e foi tambem esta carta que desde logo prendeu a attenção da camara e do publico, provocando muitos has! muito espanto, e grandes irritações que se espandiram em adjectivos feios, de ferino, traidor, desleal e não sabemos que mais, com que a imprensa governamental mimosiou a probidade do sr. Monteiro.

Foi uma completa surpresa a carta, apezar de já se ter fallado de varias cartas trocadas entre o sr. Monteiro e o sr. presidente do conselho, mas que a imprensa ministrial negou abertamente que existissem, o que não impediu que ellas agora apparecessem com toda a sua realidade, deixando por mentirosos os que negavam a sua existencia.

Se fossemos a analysar minuciosamente, com o escalpello da verdade, todas as partes d'esta desgraçada questão, teriamos que nos alongar demasiadamente, para os limites que nos são impostos a esta revista; porisso vamos já á interpellação que o sr. Lopo Vaz fez ao governo sobre o pagamento dos 441 contos de divida aos liquidatarios do antigo contrato do tabaco.

Essa interpelação foi muito paternalmente posta no campo em que o governo melhor se podia defender d'ella, isto é, sobre a legalidade com que o governo tinha pago aquella divida, e assim, dada a interpretação que o governo deu á lei de 22 de maio de 1888, que regulou a liquidação com as fabricas de tabacos, na parte que se refere a indemnisação das fabricas e *mais pagamentos legaes*, entendendo que n'estes *pagamentos legaes* podia incluir a antiga divida do contrato, está por sua natureza defendido de ter feito esse pagamento, embora o possam accusar de ter errado, mas *errare est humanus*, e, portanto, tudo se reduzirá á brilhante rethorica do sr. Lopo Vaz e, porventura, á dos mais oradores que se lhe seguirem, com o que apenas se chegará á conclusão pouco pratica de ter entretido com este assumpto um bom numero de sessões do parlamento.

E dizemos isto porque o governo não se afastará, de que pagou a divida legalmente e a maioria hade concordar com o governo como todas as maiorias de S. Bento, ha uns annos a esta parte.

N'uma coisa, porém meditamos nós; é na lei que regulou a liquidação com as fabricas de tabacos ter lemitado uma quantia — 7:200:000$000 réis — para essa liquidação, quantia que devia ser o resultado de contas feitas e que a determinaram, e como foram feitas essas contas e vistas pela commissão que deu parecer, de modo a darem margem para um pagamento tão avultado que não estava previsto?

E entretanto a ordem de pagamento dos 7:200 contos foi auctorisada pelo tribunal de contas!

E entretanto se o pagamento da tal divida não tivesse transpirado das paredes do ministerio da fazenda, a fazer bulha cá fóra, de nada se saberia, e nem o proprio sr. Vicente Monteiro teria que fazer as suas declarações, segundo lhe insinua a imprensa governamental.

As conclusões a tirar de tudo isto são extremamente desfavoraveis para a nossa administração, e mostram o quanto esta questão é complexa e difficil de esclarecer.

E já não temos espaço para referir outras questões que se levantam de novo, como é das companhias vinicolas, a respeito das quaes apparecem novos protestos dos negociantes do Porto.

Mas esta questão aponta apenas no horisonte e porisso a reservamos para a revista seguinte, em que ella provavelmente já terá tomado todo o vulto de que é susceptivel.

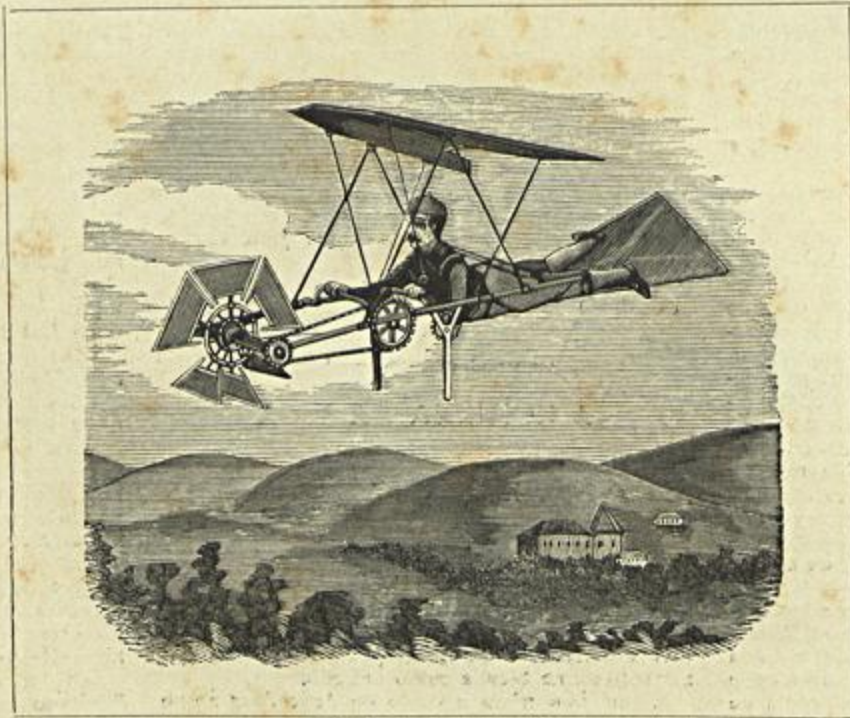
Agora apenas temos espaço para agradecermos as phrases amaveis que nos dirige o jornal *A Lucta* do Porto, ao transcrever alguns periodos da nossa revista do penultimo numero, periodos a que deu a honra de artigo de fundo e ao seu auctor as honras de funccionario publico.

Agradecemos ambas as cousas, mas com respeito ao funccionario publico, na acepção que em geral se dá a esta palavra, não nos consta que tenhamos nem a humillima mercê de ser continuo ou servente de secretaria, nem regedor da nossa parochia.

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS. — Reuniu em 4 do corrente a assemblea geral da Academia Real das Sciencias, presidindo o sr. dr. Thomaz de Carvalho, tendo por secretarios os srs. Latino Coelho e Pinheiro Chagas.

Tratou-se da reforma do regulamento do premio de 1:000$000 réis, sobre que fallaram os srs. Jayme Moniz, Barbosa du Bucage, José Horta Schiappa Monteiro, e approvou-se uma proposta do sr. Bucage para que o referido regulamento seja revisto pela commissão que o elaborou, addicionando-se-lhes mais um membro da primeira e da segunda classe, escolhendo-se para esse fim, os srs. Horta e Pinheiro Chagas, propondo a presidencia que tambem se juntasse a esta commissão o sr. Bucage.

O sr. Carlos Roma du Bucaje propoz a publicação das cartas de D. Francisco de Souza Coutinho que foi embaixador portuguez em diversas côrtes da Europa, no seculo XVII.

O sr. Vasconcellos Abreu congratulou-se por esta proposta e propoz que a publicação dos manuscriptos fosse feita por copias feitas na bibliotheca da Academia, afim de evitar extravio de originaes. Foi approvado.

O sr. Teophilo Braga applaudiu a ideia da publicação dos manuscriptos, mas lembrou os poucos recursos que a dotação da Academia tem para as despezas d'estas publicações, a que o sr. Bucage respondeu fazendo varias considerações sobre a falta de meios da Academia.

O sr. Joaquim d'Araujo lembrou a conveniencia da Academia adequerir alguns manuscriptos importantes que se acham relaccionados nos catalogos das livrarias de Mendes Leal e Figanier, e que vão ser vendidos.

O sr. presidente agradeceu esta lembrança e prometteu mandar examinar os manuscriptos refferidos.

ARTISTAS PORTUGUEZES NO «SALON». — Concorrem á exposição do *Salon* este anno os seguintes artistas portuguezes que estão estudando em Paris.

Os srs. Rodrigo Soares com um quadro de genero; Jose de Brito com um quadro reproduzindo uma scena de costumes da provincia do Minho — a visita do sr. abade em domingo de Paschoa; Salgado com dois quadros, sendo um de grandes dimensões representando o *atelier* do artista, onde se vê estudando, o esculptor sr. Teixeira Lopes, e o outro mais pequeno uma paisagem em que figuram duas creanças colhendo flores; Mello com um retrato em busto; Teixeira Lopes com uma esculptura ropresentando Caim; Thomaz Costa com uma esculptura, cabeça de estudo.

NOVA MACHINA AEROSTATICA DE MR. HOLMES

INFANTE D. DUARTE. — Vae muito adiantada a impressão d'esta obra do sr. Ramos Coelho, que está sendo feita por conta da Academia Real das Sciencias. Está quasi concluido o primeiro volume que tem cerca de 700 paginas e é illustrado com phototypias do sr. Carlos Relvas. Entre essas phototypias figura a reproducção de um retrato authentico do desventurado infante.

CENTENARIO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA. — Projecta-se celebrar no anno proximo o 6.º centenario da Universidade de Coimbra um dos primeiros estabelecimentos scientificos da Europa, e que foi fundado em Lisboa por El-Rei D. Diniz, em 1290, sendo a bulla do papa Nicolau IV que confirma a sua fundação, expedida em 12 de agosto do mesmo anno.

A Universidade foi fundada em Lisboa no sitio da Pedreira, que segundo parece corresponde hoje ao Campo de Santa Clara; em 1306 foi mandada para Coimbra, e tornou para Lisboa em 1338, onde esteve até 1354 em que voltou a estabelecer-se em Coimbra; em 1377 foi novamente mudada para Lisboa, e em 1537 outra vez transferida para Coimbra onde se tem conservado até hoje.

Preparam-se grandes festas para este centenario, para o qual serão convidadas todas as universidades do mundo.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Revista de Portugal, Director Eça de Queiroz, com a collaboração dos principaes escriptores portuguezes. Lugan & Genelioux editores, Porto. O prospecto d'esta revista em um folheto de 12 pag. in—4°. e que apresenta o seguinte summario das secções de que se hade compor: Actualidades; Biographias; Romances; Contos; Historia; Philosophia; Exgese; Philologia; Economia; Pedagogia; Sciencias Naturaes; Poesia; Agricultura; Economia rural; Hygiene; Legislação; Administração; Serviços publicos; Assumptos coloniaes, militares e navaes; Critica litteraria; Historia litteraria; Arte; Esthetica; Litteratura estrangeira; Movimento das principaes capitaes do mundo Chronica do luxo e da moda etc; Chronica politica; Chronica financeira etc. Este summario é desenvolvidamente explicado no prospecto. *A Revista de Portugal* publicar-se-ha mensalmente.

Gottas de Chypre *contos*, publicados por Luiz da Silva, Lisboa. 1889. Sobe este titulo tem já sido publicados semanalmente seis pequenos folhetos com uns diliciosos contos, devidos á pena dos melhores auctores estrangeiros e tradusidos pelo sr. Luiz da Silva. Os contos publicados são: *Um baile de Mascaras*, por Alexandre Dumas; *O Modelo*, por A. Leroi; *Consuelo*, por Luiz da Silva; *Mariete* por Faustina Saez de Melgar.

O Ensino *revista pedagogica de instrucção primaria, publicação quinsenal*. Director e redactor principal Theophilo Ferreira, medico-cirurgião, professor da Escola Normal de Lisboa, director da mesma escola e inspector das Escolas Municipaes de Lisboa. Vol. 5.°, n.os 1 a 4 relativos a janeiro e fevereiro d'este anno. Publicação especialmente dedicada ao ensino primario satisfaz prefeitamente o seu fim, e a sua leitura é de boa licção para todos.

Adolpho, Modesto & C.ª — IMPRESSORES
25 A 43 — RUA NOVA DO LOUREIRO — 25 A 43